

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A PROPÓSITO DA EXPOSIÇÃO RESISTÊNCIA VISUAL GENERALIZADA
25 de Novembro de 2022

25 / 1977

um filme de Celso Luccas e José Celso Martinez Corrêa

Realização e Argumento: Celso Luccas e José Celso Martinez Corrêa / **Fotografia:** Celso Luccas, Guilherme Costa / **Som:** José Celso Martinez Corrêa / **Montagem:** Celso Luccas, Manuela Moura / **Título Alternativo:** Vinte e Cinco – A Revolução de Moçambique.

Produção: Instituto Nacional de Cinema de Moçambique, Oficina Samba (Moçambique, Brasil) / **Cópia:** em ficheiro (transcrito de Betacam produzida a partir de original em 16mm), cor e preto e branco, falada em português, legendada em francês / **Duração:** 140 minutos / **Estreia comercial:** 15 de Fevereiro de 1977, Cine Scala, Maputo / Apresentação pública no Festival de Cannes (Quinzaine des Réalisateurs) e televisão francesa em 1978 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

sessão apresentada por Catarina Boieiro

AVISO: A cópia que exibimos apresenta problemas de qualidade ao nível da imagem e som, apresentando quebras de som em vários momentos. Tratando-se actualmente da única cópia existente, e aquela que nos últimos anos tem sido projectada nos mais variados contextos, deixamos esta advertência.

“25 é o fim do colonialismo, o fim da escravatura.”

“A Revolução é o fim das relações de servidão. É a libertação dos escravos. Toda a revolução é festa dos que estão por baixo.”

(da voz *off* de **25**)

Depois de terem realizado conjuntamente o filme **O Parto** (1975), curta-metragem documental assente em material de arquivo focada na Revolução de Abril em Portugal, os cineastas brasileiros Celso Luccas e José Celso Martinez Corrêa dedicaram-se a um novo filme conjunto, o documentário **25**, também conhecido como **25 – A Revolução de Moçambique**. Dois filmes que correspondem ao período de “exílio português” dos realizadores, forçados a deixar o Brasil quando a sua companhia, o grupo de teatro Oficina, foi encerrada pela ditadura militar então vigente.

Congregando uma assinalável colecção de imagens e sons das mais diversas proveniências—imagens da RTP, da Cinemateca Portuguesa ou do Arquivo Moçambicano; jornais de actualidades, documentários ou ficções—, **25** foi produzido pelo recém-criado Instituto Nacional de Cinema de Moçambique. Em Moçambique a FRELIMO e o novo governo

moçambicano cedo se aperceberam do poder da imagem e, em consonância com esta perspectiva, convidaram um conjunto de realizadores estrangeiros a colaborar com o País, entre eles os autores de **25**, mas também Jean Rouch, Ruy Guerra ou Jean-Luc Godard, que nesses anos viajou para Moçambique com o intuito de usar o vídeo para construir a imagem de uma “nova nação”. Já em Moçambique, a 25 de Junho de 1975 Celso Luccas e José Celso filmaram “as últimas horas de uma cidade chamada Lourenço Marques”, ao mesmo tempo que registaram as celebrações da noite da independência e a “alegria da população em fazer parte de uma revolução de ordem mundial”. Palavras dos cineastas citadas quando o filme foi mostrado na quinzena dos realizadores em Cannes em 1978, em que explicavam ainda a importância de tantos dias “25” para a história da independência moçambicana, da fundação da FRELIMO em 1964, à queda do fascismo português.

Para lá das imagens registadas em 16mm pelos próprios realizadores, **25** constrói-se sobretudo a partir de imagens e sons de outros filmes, e o resultado é uma obra extremamente ambiciosa que evoca um outro grande filme de montagem terminado por Chris Marker no mesmo ano, **Le Fond de L’Air est Rouge** (1967-1977): um fresco sobre uma história cruzada das revoluções, cuja versão de 1977 se prolongava por quatro horas. Em comum os dois filmes têm um apurado trabalho de montagem ao serviço de uma perspectiva revolucionária que abraça plenamente o internacionalismo. No caso concreto de **25**, trata-se de construir uma narrativa audiovisual subordinada a um discurso enfático sobre o passado colonial moçambicano, abordando sem rodeios questões como o colonialismo, o racismo e o trabalho forçado, associando-os a imagens da luta armada, do nascimento da FRELIMO, e da independência do país, projectando-se, ao mesmo tempo, uma ideia de um futuro pós-colonial partilhado a nível internacional.

Em **25** encontramos claramente ecos da montagem dialéctica de Sergei Eisenstein. Pense-se na abordagem do massacre de Mueda, em que se estabelece um paralelismo entre os mortos na revolução russa e a multidão sobre a qual disparou o exército português em Mueda; ou na sequência do derrube da estátua equestre de Mouzinho de Albuquerque, figura que vemos nas imagens ficcionadas de **Chaimite**, a longa-metragem de Jorge Brum do Canto produzida em pleno Estado Novo. Reconhecemos Mouzinho no filme de Brum do Canto e vemos o último contingente de tropas portuguesas a sair do país, enquanto se canta **Monangambé**, a música transformada em hino anti-colonial que deu o título a um filme de Sarah Maldoror.

É também de colonização mental que trata um filme embrenhado na “luta por um homem novo”. Na utilização de material de arquivo por Celso Luccas e José Celso é possível desde logo entrever os múltiplos sentidos que poderemos que retirar de imagens e sons aproximados pela montagem. Como escreviam Raquel Schefer e Catarina Boieiro, as curadoras da exposição a propósito da qual organizamos esta sessão (“Resistência Visual Generalizada – Livros de Fotografia e Movimentos de Libertação: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo-Verde, Anos 1960-80”), “o filme dos cineastas brasileiros articula a documentação das comemorações da independência de Moçambique a 25 de Junho de 1975 com o reemprego e a re-significação de arquivos fotográficos, cinematográficos e textuais coloniais e anti-coloniais. Da mesma maneira que os livros de fotografia exibidos na exposição, **25** exemplifica a busca de uma imagem descolonizada no campo do cinema e a produção de uma contra-narrativa histórica centrada na resistência ao colonialismo.”

E é essa contra-narrativa que surpreende pela energia e inventividade com que o filme produz novas relações a partir de uma abordagem concreta sobre a história da resistência do povo moçambicano ao longo das diferentes fases de colonização.

Estreado a 15 de Fevereiro de 1977, no Cine Scala de Maputo, numa cópia com cerca de três horas e dez minutos, **25** conheceria diferentes versões (a de hoje, a mais conhecida, tem duas horas e vinte). Mais tarde Celso Luccas descreveria como ainda em 1977 o filme chegou clandestinamente ao Brasil e foi exibido na Mostra de S. Paulo, enquanto permanecia exilado em Portugal. “Era a primeira vez na ditadura que se via e se ouvia uma re-vo-lu-ção em língua portuguesa. A mensagem era clara: des-co-lo-ni-za-ção, liber-ta-ção! Portugal, África, Brasil. O **25** foi a luz no fim do túnel, como uma chave mágica, ele abriu a era da abertura política. Sua chegada provocou um “vento” vindo das terras africanas, um respiro no sufoco dos anos de chumbo. Prenunciou a saída de cena dos militares, a volta dos exilados, o fim da censura e a democratização (...) A passagem do filme na Mostra foi a deixa de que era a hora de retornar da Europa e mostrar o trabalho pelo Brasil afora.” E assim fez. Regressando ao Brasil, durante dois anos Celso Luccas exibiu o filme em projecções ambulantes que organizou por todo o país. Eis o contributo de **25** para mais uma Re-vo-lu-ção.

Joana Ascensão